

**A POESIA LÍRICA CONTEMPORÂNEA:
CONSTRUÇÃO DA SENSIBILIDADE FEMININA NO POEMA “INSUBMISSÃO”,
DE MARIA HELENA CHEIN**

Jéssica Silva de Oliveira¹

Mestra em Estudos Literários e Interculturalidade pelo POSLLI/UEG
Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina

E-mail: ag.jessika03@gmail.com

Educação, História, Diversidade e Literatura/ Linguagens²

RESUMO: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa que tem como foco a análise do poema “Insubmissão” (1997), de Maria Helena Chein, presente no livro *Todos os Vãos*. O objetivo é demonstrar como Chein expressa e identifica a voz, a liberdade e a sensibilidade feminina por meio dos versos livre de sua poesia. Assim, observa-se como foi construído o poder da voz da mulher dentro da estrutura do poema, associada à subjetividade da poesia lírica. Desse modo, a pesquisa visa analisar o poema em sua estrutura e o efeito de sentido aplicado sobre a figura da mulher socialmente. Por fim, levantar uma reflexão sobre a sensibilidade e a expressividade feminina na poesia lírica de Maria Helena Chein. A metodologia se dá por meio de pesquisas bibliográficas e para embasar essas considerações recorre-se ao aporte teórico, dentre outras obras, as de Denófrio (1997), Olival (1997) e Xavier (2021).

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Sensibilidade; Lírica; Subjetividade.

INTRODUÇÃO

A discussão teórica presente neste estudo convida a refletir acerca da representação da sensibilidade, liberdade e da expressividade feminina presente na poesia lírica de Maria Helena Chein. Uma das mais expressivas e potentes poetisas goianas, que eleva e intensifica a voz feminina do eu lírico. Pretende-se destacar alguns elementos que compõe a análise estrutural do primeiro poema do livro *Todos os Vãos*, publicado em 1997.

Busca-se perceber de que modo os versos e estrofes refletem o estado lírico da poesia, demonstrando a relação descritiva do universo feminino, o mundo interior da mulher, sua sensibilidade e sua capacidade de amar e sofrer. No processo de análise aqui proposto, parte-se da perspectiva de que o poema, constituído enquanto gênero literário possibilita leituras plurissignificativas, mas segue-se na linha de interpretação que focaliza na voz feminina e na

¹Mestra em Estudos Literários e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), UnU. Jussara. E-mail: ag.jessika03@gmail.com.

²O presente trabalho é resultado do recorte de uma pesquisa desenvolvida a partir do mestrado.

linguagem utilizada.

Desse modo, esse trabalho divide-se em três etapas: de início, será abordado alguns pontos para se entender a essência da subjetividade no objeto de estudo aqui destacado. Em seguida, apresentar fragmentos da análise do poema “Insubmissão”, discutindo a posição da mulher socialmente e como ela é representada diante da perspectiva amorosa. E por fim, levantar uma reflexão sobre a sensibilidade, expressividade e a identidade feminina que emerge a partir do eu lírico no poema de Maria Helena Chein.

Nesse sentido, a metodologia se constitui por meio da pesquisa bibliográfica, com o aporte teórico das obras de Denófrio (1997), Olival (1997) e Xavier (2021), dentre outros. Inicialmente, faz-se necessário, mesmo que de forma breve apresentar quem é Maria Helena Chein. Uma autora goiana, nascida em 29 de janeiro de 1942, na capital do estado. Contista e poetisa, com técnicas de escrita envolventes, com profundidade e reflexão. Já poetava, desde os tempos do GEN (Grupo de Escritores Novos), em que foi responsável pelos novos direcionamentos na produção literária em Goiás, nos anos de 1963 a 1969. Seu primeiro exemplar de poesia a ser publicado, trouxe a público seu poema “Balada da noite cálida” e no mesmo ano, o segundo poema a tornar-se público foi “Companheiras da solidão”, que já revelava a essência vital de sua força de criação: a voz e o canto da mulher permeado por flashes de vivências diárias.

Depois de tempos dedicada aos contos, retorna com esse livro de poemas, no qual, Chein, potencializa a voz feminina, a identidade, a percepção e a essência da mulher, como já fazia em seus livros de contos. Assim, a poesia de Maria Helena Chein resulta da fusão da sensibilidade do fazer poético, de autoria feminina, juntamente com a profundidade do ritmo, do poder da palavra e da riqueza de imagens.

A SUBJETIVIDADE DA POESIA LÍRICA MODERNA E A ANÁLISE DO POEMA “INSUBMISSÃO”

“Insubmissão”, objeto deste trabalho, foi publicado em 1997. O poema faz parte da obra *Todos os vãos*, de Maria Helena Chein, que além de “Insubmissão”, é constituído por mais 79 poemas, totalizando 80 poemas nessa obra. De modo geral, a temática que emerge deste livro é a essência do amor, que nasce impregnado pela beleza do livro de amor da bíblia (DENÓFRIO, 1997). As epígrafes de abertura dão sentido e motivação para a obra.

Pronunciada num teor erótico, recheado de sutilezas e ambiguidades, elevam o sentido e a mensagem que Chein quer passar aos seus leitores a partir dos seus poemas.

“Sentei – me à sombra daquele a quem tanto tinha desejado: e o seu fruto é doce à minha boca” (Cântico dos Cânticos apud CHEIN, 1997, p. 09).

“Ó Senhor, bem vês todos os meus desejos, e o meu gemido não te é oculto” (Do Salmo 37, de Davi apud CHEIN, 1997, p. 09).

A poesia de Maria Helena Chein em consonância com essas passagens, ressalta-se sua voz contemporânea, como se pode observar no eu lírico do poema “Insubmissão”:

“O instante é meu
e é dele que me sirvo para ruir decências
e é nele que me ardo
para dissolver loucuras” (CHEIN, 1997, p. 01).

Observa-se a expressão das marcas do seu tempo, a presença feminina, o poder, a ação e a voz ativa da mulher, na conexão entre corpo e alma e entre delicadeza e o erotismo. Chein tem domínio dessa ligação por meio do jogo de linguagem que seus versos propagam a poesia amorosa. A poesia de Maria Helena Chein é resultante da fusão de sua sensibilidade com o poder do fazer poético, por meio da pesquisa da palavra, do ritmo e sobretudo da riqueza de imagens.

A poetisa goiana apresenta ricas contribuições ao ofício da arte, recorre à mesclagem do lírico com o sentimento, num estado de encantamento e expressividade, que reconfigura o mundo conforme a subjetividade feminina. Assim, a obra de Chein, a partir do seu título *Todos os Vôos*, mostra a imagem do pássaro, do voo existencial, a inserção no mundo da imaginação, e na escolha entre sonho e a razão. Busca eternizar o sentimento, que atravessa o processo de criação, de amor e dor que se manifesta na voz do eu lírico que ressoa do poema.

O poema “Insubmissão” é o primeiro a constituir a coletânea de poemas do livro *Todos os Vôos* (1997), composto por cinco estrofes, sem rimas e nem métrica, mas possuem uma sonoridade. As palavras “submeto”, “me sirvo”, “loucuras”, “ardências” e “fantasias” trazem a tona para o leitor, a essência do desejo, da erotização do sentimento feminino e de uma libertação social.

“Insubmissão”, é o título que dá nome ao corpus dessa pesquisa, desse modo, busca-se analisar a intencionalidade da constituição da sua terminologia, composta por: “in”, prefixo que remete a privação ou negação de algo. E “submissão” refere-se ao ato ou ação de se

submeter a algo ou alguém, deixar-se dominar, na condição de obedecer ordens, sem o direito de tomar decisões ou mesmo se expressar.

Diante disso, fazendo a junção dessas partes, o termo insubmissão, gera a ideia de não haver a aceitação de ser submisso, visto que o eu lírico dessa poesia é figura da mulher, e percebe-se então, a negação em não deixar ser dominada e controlada por alguém.

Pelo viés religioso que Chein mergulha parte de sua produção aos preceitos da bíblia, pode-se pensar na submissão bíblica, que seria um sinal de igualdade baseado no amor. A Bíblia diz em Efésios 5:21-24 – “Sejam submissos uns aos outros no temor a Cristo. Mulheres, sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor. De fato, o marido é a cabeça da esposa, assim como Cristo, salvador do corpo, é a cabeça da igreja. E assim como a igreja está submissa a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas em tudo aos maridos”.

Mas, a mulher que dá voz ao eu lírico do poema, não aceita essa submissão, pela voz feminina percebe-se que não se submete às neuras e os devaneios do não poder, como pode ser percebido na primeira estrofe do poema,

Hoje não me submeto
às neuras do não devo.
Querer pode? (CHEIN, 1997, p.01).

Composta por versos livres, sem métrica e sem rima, Chein, segue dando voz ao eu lírico feminino, em busca de liberdade e expressão do seu sentimento mais íntimo. Ou seja, o sofrer é parte do processo, não adianta adiar, amar e sofrer pertence a dualidade do sentimento feminino do eu lírico – “Não desejo reter / soluções adiáveis” (CHEIN, 1997, p.01). Além disso, mistura o desejo e o sofrer em um mesmo âmbito, e traz uma ideia realista de que “Sofrer faz parte do drama” (CHEIN, 1997, p. 01).

A estrofe chave do poema é a terceira que enuncia o poder da voz feminina do eu lírico, em busca do sentimento liberal, ousado e erotizado. Ressoando o desejo feminino e o seu canto existencial.

“O instante é meu
e é dele que me sirvo
para ruir decêcias
e é nele que me ardo
para dissolver loucuras” (CHEIN, 1997, p. 01).

De modo interpretativo, o instante é esse, é o agora, em que o eu lírico toma posse e se serve de poder e controle diante da situação, para ruir, quebrar, desfazer ou mesmo

destruir as decências, ou seja, o padrão de compostura, de pudor e honestidade que se espera da mulher socialmente. E é nesse contexto que, o eu lírico feminino se nutre para arder e dissolver suas loucuras, enunciando a virtude, o desejo, a liberdade e a expressividade feminina.

E Maria Helena Chein, segue em mais uma estrofe enunciando a quebra de padrões e se aventurando na expansão do desejo feminino.

Não quero me drogar de solidão
nem me esquivar às ardências
de fantasias anímicas.
O momento se contrapõe
à minha crença de ser lótus (CHEIN, 1997, p. 01).

O eu lírico não quer se fechar e viver mergulhado na solidão, sem expressar seu amor, muito menos, fugir desse sentimento que queima e arde seu coração. Ou seja, ele não se esquivava das ardências das fantasias da alma, deliniando o mundo interior da mulher, seu canto existencial, e expressão de sensibilidade.

Esse momento então, segundo Chein, se contrapõe à crença do eu lírico de ser lótus. Isto significa, que a voz feminina do eu lírico, expressa um sentimento de liberdade dos seus desejos, da quebra de padrões, que exterioriza o corpo liberal da mulher. Contrapondo a pureza do corpo e da alma, que profere a ideia de ser lótus – em referência a flor de lótus – que simboliza elegância, perfeição, pureza e graça, associada aos tributos femininos ideais.

E por fim na última estrofe, Chein expõe o poder feminino de libertação e quebra de padrões instituídos socialmente.

Não me prendo às raízes.
Destravo a porta
e solto-me para o salto (CHEIN, 1997, p. 01).

“Não me prendo às raízes” é um verso que elucida que o eu lírico não fica preso as regras e predisposições sociais, em que o homem é o centro, o controle e a razão, desfazendo esse modelo estabelecido pelas regras e padrões. “Destravo a porta”, refere-se a quebra e a libertação do poder e da força feminina em busca de autonomia, independência e emancipação. E por último, “Solto-me para o salto”, ressaltando a capacidade de se desvencilar das arramas sociais, e ir em busca da liberdade, em referência a imagem do voo, revelando a ânsia afetiva da mulher e o seu canto existencial.

O poema de Maria Helena Chein tem um linguagem simples, que a partir do eu poético, centra-se em uma visão intimista da vida, do mundo e da perspectiva feminina, na qual é embebecida por elementos emagéticos culturais, agregada a negação dos valores morais e éticos impostos pela sociedade do final do século XX. Como Moema de Castro e Silva Olival (1997), expõe no prefácio do livro,

Como poetisa, Maria Helena Chein continua intérprete sensível e perspicaz do canto da mulher e da poesia: fluxo e refluxo do sentimento de criação, de angústia e de amor, sentimento retratado na dramaticidade agressiva do poeitar moderno (CHEIN, 1997, p. 08).

Visto que, os poemas de Chein são inéditos, recheados de tonalidades e sentidos vários, mas sempre estimulando e instigando o leitor a adentrar à obra, e perceber o poder do mundo interior da mulher, sua sensibilidade, expressividade e liberdade de expressão.

CONSTRUÇÃO DA SENSIBILIDADE FEMININA NA POESIA LÍRICA DE MARIA HELENA CHEIN

Os aspectos teóricos de Elódia Xavier tem a devida relação com a construção da sensibilidade e a ideia do corpo no imaginário feminino presente na poesia lírica de Maria Helena Chein. Xavier traz no livro *Que corpo é esse? – O corpo no imaginário feminino* (2021), contribuições da crítica literária sobre autoria feminina no Brasil, desde o início do século XX até os dias atuais e uma análise sobre as representações do corpo feminino na literatura.

Diante disso, reflete-se sobre o eu lírico do poema, em que há a presença mesclada do corpo erotizado e do corpo liberado. O corpo erotizado vive sua sexualidade de modo pleno, e o corpo liberal representa o anseio das mulheres em serem sujeitos de sua própria história, constituindo e dominando o próprio destino, assim, como almejam e conquistam a liberdade em sentido amplo.

A voz do eu lírico exterioriza sinais desses corpos quando revela o poder de suas palavras, suas decisões e seus desejos.

Hoje não me submeto [...]
Não desejo reter soluções adiáveis [...]
Não quero me drogar de solidão [...]
Não me prendo às raízes.



Destravo a porta
e solto –me para o salto (CHEIN, 1997, p. 01).

Esses versos do poema deixam claramente marcas de um corpo liberado em que o eu lírico é sujeito da sua própria história, que conduz sua vida conforme valores redescobertos através de um processo de autoconhecimento. E nos últimos versos em que enuncia o desprendimento das raízes, o destravar da porta e o ato de se soltar para o salto de ir além, significa a liberação de esquemas pré-determinados, coercitivos e repressores do patriarcado, ações estas que são próprias de um corpo liberado (XAVIER, 2021).

A associação de liberdade e solidão assinala segundo Xavier (2021), o preço que o corpo liberado deve pagar. Por isso, o eu lírico do poema vive num impasse de não querer viver mergulhado na solidão, muito menos fugir das ardências das fantasias da alma, ou seja, quer se libertar das amarras sociais, viver o seu desejo, suas loucuras e seus amores.

Diante disso, pode-se referir o eu lírico feminino do poema, como um corpo liberado, pois, “quando se tem a chave do mundo, tem-se a liberdade de escolha de abrir a porta desejada” (XAVIER, 2021, p.109-110). Assim como Chein trouxe na voz do eu lírico: “Destravo a porta/ e solto-me para o salto”, exaltando o poder, a liberdade e a autoridade feminina de guiar seus caminhos e reafirmar suas escolhas. Quebrando barreiras, no fato de deixar para traz uma história e todo um contexto social que limitava os desejos femininos.

Já o corpo erotizado pertence também ao eu lírico do poema “Insubmissão”, visto que, de acordo com Xavier (2021) é o corpo que nos pertence. “Trata-se de um corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica” (XAVIER, 2021, p. 89).

Isso pode ser percebido na terceira estrofe do poema, em um discurso que exterioriza sensações, desejos e loucuras. Com a combinação do poder de decisão e das atitudes afirmativas do eu lírico.

“O instante é meu
e é dele que me sirvo
para ruir decências
e é nele que me ardo
para dissolver loucuras” (CHEIN, 1997, p. 01).

É interessante observar que essa libertação do corpo como fonte de prazer e de autoconhecimento, caminha paralelamente à libertação sócio-existencial das mulheres no

contexto androcêntrico, ou seja, aquela que valoriza as experiências masculinas universais, mostrando que a liberdade só se conquista em todos os planos (XAVIER, 2021).

Ademais, vale ressaltar uma reflexão sobre a sensibilidade, expressividade e a identidade feminina que emerge a partir do eu lírico no poema de Maria Helena Chein. As transformações da subjetividade e da relação da mulher com seu corpo ao longo da história, leva em consideração o modo como o regime patriarcal deixou marcas sob as relações sociais. Desde a origem do patriarcado aos dias atuais, destacam-se os aspectos culturais, econômicos e históricos em busca de entender o universo feminino e sua relação com seu corpo, além da formação da personalidade, a compreensão do seu papel e de sua imagem perante a sociedade. Assim, como se sabe, as mulheres passaram por uma série de lutas, transformações e conquistas pela sua libertação pessoal e profissional, e diante disso, o significado do seu corpo e a sua subjetividade estiveram também em mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se a partir dessa poesia o empoderamento do eu lírico, configurando-se numa percepção profunda da alma da mulher, seus sentimentos mais íntimos, suas agonias, anseios e desejos em busca de transmitir sua voz e o seu canto existencial.

Portanto, Chein manifesta dando voz e ação para o eu lírico feminino do poema “Insubmissão”, transcendendo a tradição da estrutura social e cultural patriarcal e revelando o estado lírico da poesia ao trazer à tona a subjetividade do universo feminino.

Logo, é visto que, a poesia de Maria Helena Chein carrega uma riqueza diante da fusão da sensibilidade do fazer poético, de autoria feminina juntamente com a profundidade da linguagem, do conteúdo, do ritmo e da abundância de imagens.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA: Novo Testamento. N.T. Efésios. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de Storniolo e Balancin. 3ª Edição. São Paulo- SP: Editora Paulus, 2023.

CHEIN, Maria Helena. **Todos os Vãos**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.176p.

DENÓFRIO, Darcy França. Poesia de corpo e alma. In: CHEIN, Maria Helena. **Todos os Vãos**. Goiânia: Editora da UFG, 1997,176p.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **A poesia de Maria Helena Chein**: um canto e seu



(re)canto. In: CHEIN, Maria Helena. **Todos os Vãos**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.176p.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** : O corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.